

CULTURA DA INDIFERENÇA, ALTERIDADE E O ESTRANGEIRO

CULTURE OF INDIFFERENCE, OTHERNESS, AND THE FOREIGNER

Tatiana Gassen Rodrigues ¹[0000-0003-1985-5896]
Francisco Carlos dos Santos Filho ²[0000-0001-7868-2003]
Claudia Piccolotto Concolatto ³[0000-0001-5982-9751]

¹ Atitus Educação / PROJETO - Assoc. Científ. Psicanálise e Humanidades

² Universidade de Passo Fundo (UPF) / Projeto Associação Científica de Psicanálise e Humanidades (ACPH)

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Programa de Pós-Graduação em Administração / Projeto Associação Científica de Psicanálise e Humanidades (ACPH)
tatianagassen@hotmail.com, santos@upf.br,
claudia.con@terra.com.br

Resumo. A indiferença é, para Freud, o contraponto tanto do amor como do ódio. A indiferença impede o reconhecimento do outro ser humano como um semelhante. Uma cultura da indiferença impacta o estabelecimento das bases éticas das relações intersubjetivas, transformando-se em diferentes formas de segregações sociais que desconsideram a alteridade do outro, como ocorre muitas vezes com o migrante. Tendo em vista esse conceito, este ensaio teórico objetiva articular alguns aspectos do contexto cultural contemporâneo, como os discursos veiculados pela mídia e por representantes governamentais, com os conceitos de alteridade, indiferença e diferença. Conclui-se que quando a indiferença é fomentada pela cultura, torna-se um marco no modo como as relações interpessoais se estabelecem, transformando-se em uma forma de violência. A violência da indiferença consiste em não reconhecer a alteridade, que inclusive pode vir a ser consumida, no modo do “diferente”.

Palavras-chave: Alteridade, Indiferença, Estrangeiro, Psicanálise

Abstract. For Freud, indifference is the counterpoint to both love and hatred. Indifference prevents the recognition of another human being as a fellow human. A culture of indifference affects the establishment of the ethical foundations of intersubjective relations and takes the form of different kinds of social segregation that disregard the otherness of the other, as often occurs with migrants. In view of this concept, this theoretical essay aims to articulate aspects of the contemporary cultural context, such as discourses conveyed by the media and government representatives, with the concepts of otherness, indifference, and difference. It

concludes that when indifference is fostered by culture, it becomes a defining feature of how interpersonal relationships are established, transforming into a form of violence. The violence of indifference consists in failing to recognize otherness, which may even be consumed in the form of the ‘different.’

Keywords: Otherness. Indifference. Foreigner. Psychoanalysis.

Introdução

Freud era um crítico da cultura, estudando as inter-relações entre cultura e inconsciente. A psicanálise segue sendo um instrumento para enriquecer a discussão crítica da cultura atual, bem como apontar para possibilidades futuras (Moretto, 2019). Sendo assim, o presente ensaio teórico busca examinar alguns elementos da cultura contemporânea que a marcam como uma cultura da indiferença, considerando como essa característica implica em modos de interrelações com a alteridade e com o estrangeiro.

O documentário *Na Rota do Dinheiro Sujo* (2018) serve como exemplo do que argumentamos neste estudo, especialmente o episódio que discute a forma como Donald Trump faz negócios e como seu discurso enquanto presidente dos Estados Unidos, corresponde àquele do *conman*, ou traduzido para o português, o “vigarista”. *Conman* é o encurtamento da palavra *confidence man*, referindo-se à confiança que o vigarista possui em si, mas também à confiança que ele busca inspirar nos outros e da qual tira proveito, fazendo mau uso. Trata-se, portanto, de um modo de relacionamento estabelecido através de um discurso que induz ao erro. Assim é que ocorreu, por exemplo, a desmobilização do Gabinete de Ética Governamental do Governo Norte Americano, conforme Trump, diferente de presidentes anteriores – que sustentavam a regra básica de afastar-se de seus interesses econômicos durante o exercício da presidência – manteve interesses pessoais mesclados ao cargo de líder do governo, de modo que foram frequentes as transferências de eventos oficiais para hotéis Trump, além do uso da presidência para divulgar e promover empresas e marcas próprias, bem como aquelas que patrocinavam sua campanha. A situação gerou diversas sobreposições de interesses e levou ao que Walter Shaub – que foi diretor do Gabinete de Ética durante a administração de Bush, de Obama e se demitiu na administração Trump – chamou de “monetização da presidência”. Além disso, o discurso de Trump, utiliza uma estratégia bastante marcada de manipulação: o fomento da xenofobia nas redes sociais. Esse tipo de discurso já se repetiu ao longo da história norte americana, por exemplo, com Padre Coughlin, na década de 1930, provocando o antissemitismo via rádio e, na década de 1950, Joe McCarthy promovendo o terror do comunismo na televisão. O fato que esse documentário levanta, e que interessa por ser um fenômeno que se passa em muitos outros cenários políticos da atualidade, é que a forma de operação desse governo recebe aprovação de uma parcela significativa da população, o que indica um problema de não reconhecimento de princípios básicos da ética nas práticas governamentais de uma população, o que é maior do que um presidente ou uma eleição.

Freud (1921), ainda nos primórdios da invasão dos meios de comunicação de massa sobre o cotidiano das pessoas, já discutia quais eram os mecanismos psíquicos envolvidos na relação entre um líder e a massa, argumentando que o que está em jogo é

uma relação libidinal, de amor, porém uma relação com características específicas conforme a organização do grupo, sendo que quando se trata de uma massa, há o interesse de mantê-la pouco pensante, reagindo via excitação dos afetos. Nesse cenário, o recurso de usar um outro, um “estrangeiro”, como foco para o vigarista então exercer sua influência sobre a massa, promove ainda mais a “união” desse grupo e oferece um suposto inimigo comum. Isso está de acordo com os modos de manipulação do público descritos por Herman e Chomsky (2003), analisando como a mídia está atravessada por filtros de notícias, já que se encontra dentro de um sistema em que os conflitos de interesses de classes e interesses ligados à manutenção do poder infiltram a forma como as informações são privilegiadas ou não e como são noticiadas. Daí que a forma como a mídia representa o Outro pode impedir de ver a sua alteridade e, portanto, impedir de nos vincularmos eticamente com este outro, desumanizando-o (BUTLER, 2011).

Alteridade, estrangeiro e indiferença.

Beauvoir (1949, p. 11) diz que “a alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano”, presente desde o surgimento da própria consciência, por isso presente desde as mais primitivas sociedades através de categorias de “Mesmo” e “Outro”. Conforme a autora, “nenhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si. Basta três viajantes reunidos por acaso num mesmo compartimento para que todos os demais viajantes se tornem ‘os outros’ vagamente hostis”. Os estrangeiros para os habitantes de um determinado país são “outros e suspeitos”. Conforme a autora, há algo no estado cultural como uma hostilidade fundamental em relação a outras consciências e essa relação é recíproca: “em viagem, o nativo percebe com espanto que há, nos países vizinhos, nativos que o encaram, eles também, como estrangeiro” (p. 12), portanto, o Outro é sempre relativo à posição daquele que o está observando – de um Eu.

Freud (1914) descreve que, para a constituição de um Eu, é preciso ocorrer um processo psíquico de formação do narcisismo. Essa constituição ocorre a partir de uma nova ação psíquica, ou seja, de um Outro – um outro ser humano que investe aquele sujeito psíquico de seu próprio narcisismo. O aparelho psíquico, portanto, somente se constitui na intersubjetividade, na relação com o outro que ocupa a função materna e paterna. Este Eu em formação precisará, por sua vez, ser capaz de investir na relação afetiva com outros para não ficar enfermo. A indiferença trata-se tanto desse adoecimento, em que o sujeito não reconhece o outro como seu semelhante porque permanece fechado em seu próprio narcisismo; como também de um estado original, anterior à elaboração do narcisismo, em que o ser humano ainda é incapaz de distinguir Eu e Outro. Esse momento original é descrito por Freud (1915) quando questiona sobre a origem dos afetos amorosos e hostis e nos diz que para haver ambos é necessário primeiro o reconhecimento do Outro como tal. Antes de haver esse reconhecimento, o que se pode sentir é indiferença, daí porque o autor define a indiferença como oposição ao amor.

A alteridade, portanto, consiste em ponto essencial da constituição da humanidade e do nosso potencial de construir vínculos sociais. Aqui, retomamos o ponto introdutório do texto, em que observamos um exemplo de como ocorre a presença massiva em nossa cultura contemporânea de discursos que estimulam a construção de um outro desumanizado, diante do qual se pode ser indiferente (MORETTO, 2019). Bleichmar (2002), já identificava a indiferença como a forma de violência característica de um modelo econômico social que incentiva um “canibalismo econômico”, ou seja, um individualismo no qual a regra é cada um por si, rompendo com as relações nas quais há

o reconhecimento do outro como um semelhante. A cultura da indiferença, assim, põe em questão o próprio reconhecimento da existência do outro, promove um processo de submissão dos sujeitos através de uma violência operada pela invisibilidade destes. A invisibilidade promove um tipo de segregação social que gera sofrimento através de um apagamento do semelhante, que perverte os laços sociais, autorizando o gozo de uns sobre os outros (DALBOSCO, SANTOS FILHO E CEZAR, 2022; MORETTO, 2019). Nessa direção, podemos considerar que Han (2015) nos convida a analisar que estamos, contemporaneamente, vivendo um novo paradigma nas relações com o outro. Um paradigma em que a alteridade e a estranheza são substituídas pelo “diferente”. O que se modifica é que a estranheza é incorporada ao modelo de consumo e nos tornamos consumidores do diferente. Desde essa perspectiva, podemos observar a transformação dos discursos da “liberdade”, ou seja, por trás da liberdade de expressão é possível estar a lógica neoliberal da indiferença. Assim como a lógica econômica deve ser de livre mercado, nas relações interpessoais pode-se dizer de tudo, fazer de tudo, porque isso é “liberdade”, aí a perda da relação de alteridade, a perda do reconhecimento do limite ético entre o Eu e o Outro.

Conclusões

Buscamos nesse trabalho, articular as noções de alteridade, estrangeiro e a cultura da indiferença, como aportes que podem ampliar o debate e o entendimento em relação à discriminação e outras formas de rechaço, repúdio e violência contra os migrantes. Consideramos que a indiferença constitui uma forma de violência social, que é alimentada pelo modelo socioeconômico cultural do neoliberalismo, com forte presença na contemporaneidade. Esta violência se dá através de uma modificação na forma como os vínculos intersubjetivos são estabelecidos – ou melhor dizendo, não são estabelecidos – já que a indiferença impede o reconhecimento genuíno do Outro enquanto alteridade, podendo transformá-lo em um sujeito desumanizado, situação na qual muitos estrangeiros e migrantes tornam-se alvo de xenofobia; como também pode transformá-lo em objeto de consumo, ao modo do “diferente” em que todos podem fazer o que bem quiserem e ninguém tem nada com isso.

REFERÊNCIAS

1. BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.
2. BLEICHMAR, Silvia. Dolor país (5a ed.). Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2002.
3. BUTLER, Judith. Vida precária. Contemporânea, n. 1, p. (13-33), jan-jun 2011.
4. DALBOSCO, Cláudio A.; SANTOS FILHO, Francisco C.; CEZAR, Luciana O. Desamparo humano e solidariedade formativa: crítica à perversidade neoliberal. Educ. Soc., Campinas, v. 43, e244449, p. (2-16), 2022.
5. FREUD, Sigmund. Introducción del Narcisismo. 1914. In: Obras Completas - Vol XIV. Buenos Aires: Amorrotru, 2007.
6. FREUD, Sigmund. Psicología de las Masas y Análisis del Yo. 1921. In: Obras Completas - Vol XVIII. Buenos Aires: Amorrotru, 2007.
7. FREUD, Sigmund. Pulsiones y Destinos de Pulsión. 1915. In: Obras Completas - Vol XIV. Buenos Aires: Amorrotru, 2007.
8. HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

9. HERMAN, Edward S.; CHOMSKY, Noam. A Manipulação do Público. São Paulo: Futura, 2003.
10. MORETTO, Maria Livia Tourinho. Memória, (des)memória, in *memorian: nota geral sobre a noção de traumático em psicanálise*. Clínica & Cultura, v. 8, n. 2, p. (141-144), jul-dez 2019.
11. NA ROTA DO DINHEIRO SUJO: O homem de confiança. Edição: Aleks Gezentsvey. Produção de Fischer Stevens. Estados Unidos: Netflix, 2018. Netflix.